

EM DEFESA DA POESIA

ANA MARIA LISBOA DE MELLO*

Em uma sociedade essencialmente pragmática, utilitária, em que as pessoas seguidamente perdem contato consigo próprias, com suas mais profundas aspirações, sufocando sua sensibilidade e, por que não dizer, negando-a, a poesia tem um espaço restrito de circulação. Quem, de hábito, lê obras poéticas? Poucos, arriscamos afirmar. Mas justamente nesse contexto empobrecedor é que a poesia deveria circular, uma vez que, entre os gêneros literários, é o que propicia ao homem a possibilidade de revelar-se a si próprio, de forma a restaurar sua relação com o mundo.

Descomprometida com o fazer intencional, o ato dirigido a um objetivo, a lírica joga-nos, por instantes, em outra dimensão da vida, onde o mais importante emerge da opacidade do cotidiano, de forma que o "ter" dê lugar ao "ser". Contrariamente à prosa, que se utiliza da linguagem para revelar um mundo já constituído, a poesia subverte o uso habitual da linguagem, rompendo com a ordem dada e sugerindo outras possibilidades de ser no mundo.

A poesia desperta o lado poético do homem, o olhar que se concilia com a natureza na gratuidade de estar no mundo em harmonia com os demais entes que fazem parte da totalidade. Desperta no homem a ternura sufocada, a benevolência esquecida, faz emergir vivamente em seu íntimo, na forma de "recordação", conforme Staiger,¹ a lembrança apagada, o sofrimento contido, a urgência de amor, enfim todos os sentimentos que fazem do homem um ser diferente de outros seres, restituindo sua humanidade sufocada pelas lutas do cotidiano, quando as questões essenciais,

*Professora de Crítica Literária e de Teoria da Literatura Infanto-Juvenil na graduação e na pós-graduação da Faculdade de Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Coordenadora da Coleção "Era uma vez - Charles Perrault", Editora Kuarup, de Porto Alegre.

¹STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

imersas no lugar mais recôndito de seu íntimo, não vêm à tona. É a poesia que leva o homem a indagar-se: que sentido tem o meu estar no mundo?

A vivência do poético na poesia desenvolve no ser humano a capacidade de reconhecer o poético no mundo e distinguir o poético do ameaçador, do agressivo, daquilo que não lhe serve, conforme observa Dufrenne:

É poético um jardim em que as crianças brincam, em que os enamorados se encontram, em que os velhos passeiam. É poética uma taberna da esquina em que se bebe um creme, de manhãzinha, com as pessoas que vão ao trabalho, antes que a fadiga e o tédio as tenham marcado. Aí onde trocam-se olhares confiantes, onde nos achamos à vontade e onde compreendemo-nos com meias palavras, aí onde velhos ritos esquecidos marcam ainda as gestas, a poesia não está longe. Mas afasta-se quando se inserem no mundo relações menos familiares, mais violentas, quando o aparecer nos desconcerta, nos ameaça ou nos exalta perigosamente, quando em nós a ternura não tem emprego porque não mais responde à ternura das coisas.²

Com que recursos, a poesia alcança tudo isso?

Subvertendo a expressão cotidiana, pragmática, em que a língua é instrumento de atuação no mundo, a linguagem poética volta-se sobre si mesma, em um processo em que as palavras se libertam, realizando associações inusitadas; a sintaxe desorganiza-se; desfazem-se os nexos lógicos, próprios da prosa, de forma a expressar o que parece inefável, conforme assinala Stai-ger, ao caracterizar a linguagem do estilo lírico:

O poetizar lírico é aquele em si impossível de falar da alma, que não quer 'ser tomado pela palavra', no qual a própria linguagem já se envergonha de sua realidade rí- gida, e prefere furtar-se a todo intento lógico e gramati- cal.³

Nesse modo de organização da linguagem, cada parte está a serviço do todo, de maneira que qualquer modificação pode alterar o equilíbrio sonoro e os efeitos de sentido, pois, na poe-

²DUFRENNE, Mikel. O poético. Porto Alegre, Globo, 1969. p.250-1.

³STAIGER, op.cit., p.72.

sia, o significado e a sonoridade das palavras são indissociáveis.

Embora o texto lírico possa realizar-se em prosa (como os **Poemas em prosa de Baudelaire**), é predominante sua manifestação em verso, que é a sucessão de sílabas formadoras da unidade rítmica e melódica do poema. Conforme observa Paixão, "a linguagem poética apóia e sustenta o encanto de sua expressão" na "cadência rítmica".⁴ Ao ritmo associam-se outros recursos, tais como a ocorrência periódica de figuras fônicas (aliteração, anáforas, rimas etc.), que atuam no processo de significação e contribuem para a vivência do prazer estético.

Afora os efeitos fônicos, a organização do texto poético assenta-se sobre os recursos imagéticos, em sentido amplo, responsáveis pelo deslocamento de sentido das palavras em direção ao inabitual. "A imagem", salienta Joubert, "é um curto-circuito, que entrechoca palavras, desarticula a sintaxe, abandona a lógica: assim ela impede a emoção de se dissolver no encadeamento da linguagem ordinária".⁵ Conforme assinala esse autor, a poesia é, antes de tudo, uma aventura da linguagem.

A musicalidade dos versos e o jogo de palavras, que projeta, através de associações não usuais, imagens inusitadas, exigem do leitor o exercício criativo da imaginação. Se, por um lado, o processo de elucidação das regras de composição textual pode causar-lhe uma certa inquietude, por outro, possibilita-lhe o contato com outra face da linguagem que atrai por ser desafiadora. Assim, envolvido pelo sortilégio da linguagem enquanto tal, os recursos sonoros e imagéticos do poema propiciam ao leitor a vivência do prazer do texto.

Em se tratando de um receptor infantil, é o estrato fônico do poema que, em um primeiro momento, proporciona a fruição textual. Sensível aos jogos de palavras, próprios da produção folclórica (quadras, brincos, parlendas, adivinhas, cantigas de roda), a criança encontra prazer nas semelhanças e contras-

⁴ PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.51.

⁵ JOUBERT, J.L. **La poésie**. Paris, Colin/Gallimard, 1977. p.47.

tes sonoros das palavras, independente de sua significação. Por sua vez, os recursos imagéticos da poesia exigem do leitor infantil o trabalho de deciframento do texto, pois as palavras acham-se estranhamente associadas, deslocadas de seu sentido comum, fazendo com que, conforme observa Bordini, "a imaginação" seja "induzida a trabalhar criativamente, reorganizando registros de vivências usuais",⁶ tais como atestam os versos de Cecília Meireles:

A espuma escreve
com letras de alga
O sonho de Olga.
..... (Sonhos da menina)⁷

E:
.....
A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?
(O sonho e a fronha)⁸

Se a poesia transfigura a linguagem comum e, através de seus recursos, suscita no ser humano a sensibilidade, de forma que seu olhar passa a contemplar a face oculta das coisas e a indagar sobre o sentido de seu estar no mundo, o texto poético é, certamente, uma ponte indispensável na relação da criança com a vida.

Sabe-se, no entanto, que a poesia pouco circula no âmbito escolar, interrompendo-se, assim, um processo no qual a familiaridade com o texto poético nas suas formas folclóricas já fora alcançada pela criança. Essa ruptura leva-a, com o passar do tempo, a sentir-se embaraçada diante dessa outra face da linguagem e a consumir o afastamento. O professor, fruto do mesmo sistema que alija a poesia da convivência escolar, oferece aos alunos os conhecimentos ditos "necessários e úteis" à vida, mantendo o círculo vicioso.

⁶ BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo, Ática, 1986.

⁷ MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. p.36.

⁸ Idem, p.37.

Para que essa situação seja revertida, é necessário que primeiro os professores recuperem a sua comunhão com a poesia, perdida no mundo mágico da infância, e passem, depois, a incluí-la na sua prática escolar, garantindo à criança o direito de "**viver poeticamente o conhecimento e o mundo**",⁹ conforme observa o poeta Drummond, que deixou, entre os seus legados, este pedido:

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.¹⁰ (grifamos)

⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Apud AVERBUCK, Lúgia Morrone. "A poesia e a escola". In: **Leitura em crise: alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. p.66.

¹⁰ Idem, p.67.